

A beata Alexandrina e sua vida eucarística (I)

Resumo

Neste estudo visamos tornar conhecida a vida da beata Alexandrina e dar-lhe voz para transmitir a todos o amor à Eucaristia e a grandeza desse sacramento. Sua simplicidade e entrega incondicional à vontade de Deus levam-na a uma participação íntima no mistério divino. Nessa participação, destacam-se as graças extraordinárias que recebeu do Senhor, onde se encontra uma grande teologia sobre o mistério da configuração com Cristo, os sublimes graus da união com Deus e a vocação de alma vítima.

Esta exposição divide-se em duas partes. A primeira apresenta uma breve biografia sobre a beata Alexandrina, à qual se acrescentam algumas características particulares de sua personalidade – seus defeitos, gostos e virtudes – e de sua missão, especialmente em relação à consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria. A segunda, que será abordada num artigo posterior, pretende relacionar sua vida com a Eucaristia em três pontos: adoração e ação de graças; vítima; e apóstola. Seguindo este caminho desde sua associação com Jesus Cristo, chegaremos à sua associação com Maria no mistério da maternidade aos pés da Cruz.

Summary

In this study we aim to make Blessed Alexandrina's life known and to give her a voice in order to transmit to everyone the love for the Eucharist and the greatness of this sacrament. Her simplicity and unconditional surrender to the will of God lead her to an intimate participation in the divine mystery. In this participation, the extraordinary graces she received from the Lord are highlighted, where one finds a great theology on the mystery of configuration with Christ, the sublime degrees of union with God, and the vocation of a victim soul.

This exposition is divided into two parts. The first presents a brief biography of Blessed Alexandrina, to which are added

some particular characteristics of her personality – her faults, tastes, and virtues – and of her mission, especially in relation to the consecration of the world to the Immaculate Heart of Mary. The second, which will be covered in a later article, intends to relate her life to the Eucharist in three points: adoration and thanksgiving; victim; and apostle. Following this path from her association with Jesus Christ, we will arrive at her association with Mary in the mystery of motherhood at the foot of the Cross.

* * *

Introdução

O augustíssimo sacramento da Eucaristia é a fonte e o centro de toda a vida cristã, e assim o foi para a beata portuguesa Alexandrina Maria da Costa (1904-1955). Embora ainda não seja muito conhecida, sua vida encerra os grandes mistérios da vida cristã, cujos frutos comprovam-se na história do seu povo e têm muito a revelar ao mundo inteiro.

Entre tantos mistérios decidimos concentrar-nos no que diz respeito à Eucaristia, o qual, poder-se-ia dizer, é o “coração” de sua espiritualidade e de sua obra e ao mesmo tempo nos põe em contato com a realidade dos últimos séculos. Num contexto anterior ao Concílio Vaticano II e à profunda crise eclesial, inclusive da fé na Eucaristia, a mensagem de Alexandrina aparece com um caráter também profético, já que se centra no constante apelo ao amor a Jesus Eucaristia e a Maria Santíssima, à conversão e à reparação pelos pecadores.

Seu testemunho é assim muito atual, sobretudo em nosso tempo em que são frequentes tantos sacrilégios, blasfêmias, ultrajes, irreverências e indiferenças contra Nosso Senhor, cuja presença real na Eucaristia e nos inúmeros tabernáculos em todo o mundo é esquecida e até mesmo negada. Também é importante porque descreve uma síntese do mistério da incorporação em Cristo até as últimas consequências, bem como a identificação com Maria numa vida oferecida para dar glória a Deus e para a salvação das almas resumida no lema *amar, sofrer, reparar*.

I. Introdução à vida e o contexto histórico da beata Alexandrina

A história da doentinha de Balasar, tal como era conhecida nessa aldeia, nasce no Coração da Santíssima Trindade, donde têm origem todas as coisas. A Providência realizou o primeiro sinal de sua vinda à terra na solenidade de *Corpus Christi* do ano 1832, quando apareceu no chão uma cruz de terra curiosa, na colina do Calvário de Balasar. A pedido do pároco, varria-se o pó e jogava-se água no local, mas a cruz permanecia. Testemunhando seu efeito milagroso, muitas pessoas começaram a afluir ao local para venerá-la, inclusive lhe roubavam punhadinhos de areia. Então, o pároco da época, Antônio José de Azevedo, ordenou que se construísse ali uma capela em honra da Santa Cruz. Hoje se conserva aí apenas a demarcação do lugar da aparição, com terra que foi acrescentada pelos paroquianos.

De fato, aquela cruz era milagrosa, mas apontava muito mais do que isso. Significava um anúncio de que a história daquela freguesia tomaria um novo rumo. A cruz estava posta, o madeiro do qual pendia a salvação do mundo¹, mas faltava uma vítima a ser imolada². Este cordeiro chegaria mais de setenta anos depois, precisamente na primavera do ano 1904³, no dia 30 de março, quarta-feira de trevas (hoje quarta-feira santa), e seu nome era Alexandrina Maria da Costa.

Filha dos cidadãos portugueses Antônio Gonçalves Xavier (1875-1944) e Maria Ana da Costa (1877-1961), nasceu em Gresufes, aldeia de Balasar, pertencente ao concelho da Póvoa de Varzim, distrito de Porto e arquidiocese de Braga, Portugal. Seu pai deixou a família antes mesmo do nascimento da menina, casando-se com outra mulher. Sua mãe então se

¹ Cf. H. PASQUALE, *Fátima e Balasar: duas terras irmãs*, Porto: Cavaleiro da Imaculada 1989³, 27.

² O Senhor mesmo o confirma em 1947: «Quase um século era passado que Eu mandei a esta privilegiada Freguesia a cruz para sinal da tua crucifixão. (...) Estava preparada a cruz; faltava a vítima, mas já nos planos divinos estava escolhida; foste tu. O mal aumentou, a onda dos crimes atingiu o seu auge, tinha de ser a vítima imolada; vieste, foi o mundo a crucificar-te», em: Alexandrina Maria da COSTA (em diante, A. COSTA), *Sentimentos da Alma* (S.XII.1947) (em diante, S com a respectiva data), em ID., *Solo per amore! Quasi un'autobiografia*, Eugenia y Chiaffredo Signorile (eds.), Pessano (MI): Mimep-Docet 2006, 11.

³ Vale recordar que 1904 é o ano santo do 50º aniversário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição, decretado por sua Santidade o Papa Pio IX, em 8 de dezembro de 1854.

vestiu para sempre de luto, como viúva, e buscou viver de modo íntegro dedicando-se à educação e o cuidado da menina e da filha mais velha, Deolinda Maria da Costa. A pequena Alexandrina recebeu o sacramento do Batismo no sábado seguinte, 2 de abril, noite de Vigília Pascal, na igreja de Santa Eulália de Balasar. Seus padrinhos foram seu tio materno, Joaquim Antônio da Costa, e Alexandrina Rosa de Campos, de Gondifelos.

O século XX começou com a chegada do regime republicano a Portugal. Em agosto de 1907 começou a ser construída a igreja paroquial de Balasar até 1910⁴, ano em que surgiu na Espanha a *Obra das Marias dos Sacrários-Calvários*, fundada por São Manuel González García (1877-1940)⁵.

Em janeiro de 1911 mudou-se com sua irmã para a Póvoa de Varzim para estudar, onde permaneceu por dezoito meses, que corresponde ao único período em que frequentou a escola. Ali, aos sete anos, recebeu o sacramento da primeira Comunhão das mãos do padre Álvaro de Campos Matos, na igreja de Nossa Senhora da Conceição. Assim Alexandrina descreve quando recebeu Jesus Sacramentado pela primeira vez, onde se nota a primeira manifestação de seu grande amor e união à Eucaristia:

Quando comunguei, estava de joelhos, apesar de pequenina, e fitei a Sagrada Hóstia que ia receber de tal maneira que me ficou tão gravada na alma parecendo-me unir a Jesus para nunca mais me separar d'Ele. Parece que me prendeu o coração.⁶

Depois o bispo de Algarve, D. Antônio Barbosa Leão, conferiu-lhe a Confirmação, na igreja de São João Batista, em Vila do Conde. Em julho de 1912 retornou a Gresufes, onde ficou com sua família por quatro meses até que se mudaram para Balasar, à colina do Calvário. Aos nove anos, começou a trabalhar no campo, prestando um serviço bastante pesado para

⁴ Nessa época o povo de Balasar ainda vivia sob a monarquia.

⁵ Em carta ao padre Pinho, em 1933, Alexandrina afirmou ser uma *Maria dos Sacrários-Calvários*. A Obra, fundada pelo Bispo dos sacrários abandonados, como era conhecido, tem como ideal a vigilância dos sacrários e concede aos membros enfermos o privilégio de celebrar-se a Santa Missa em seu quarto, como a beata o teve algumas vezes. Entretanto a missão de Alexandrina de acompanhar Jesus nos sacrários era uma inclinação que tinha há muito tempo e que o Senhor lhe havia confirmado (cf. A. ROCHA, *Flor eucarística: Alexandrina Maria da Costa*, Reims: 2016, 93ss; 107).

⁶ A. COSTA, *Obras completas de Alexandrina Maria da Costa*, I: *Autobiografia*, Alexandre Freire Duarte (ed.), Balasar: Fundação Alexandrina de Balasar e Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa de Braga 2019³, 21.

ganhar o pão. À mesma idade, fez sua primeira confissão geral com Frei Manuel das Chagas, em Gondifelos, junto a sua irmã e uma prima, Olívia.

Três anos mais tarde, em 1916, ficou gravemente doente de tifo, tanto que recebeu os últimos sacramentos. Nesse período começou a trabalhar na casa de um vizinho muito cruel, Lino Ferreira, e recebeu o cargo de catequista e cantora na paróquia. Sofria muito em seu trabalho, de extrema exigência e responsabilidade para uma criança, tanto pelo tratamento de seu chefe quanto pelos acidentes que lhe sucediam.

O episódio mais relevante de sua adolescência e que a marcou por toda a vida aconteceu no sábado santo de 1918 – dia em que completava catorze anos – quando, para proteger sua pureza, pulou da janela de uma sala de sua casa que dava para o jardim, cerca de quatro metros do chão⁷. Desde então sua saúde foi-se debilitando cada vez mais. Logo teve de deixar definitivamente seu emprego, o que lhe provocou várias humilhações e críticas por parte de parentes, amigos e até mesmo do pároco.

Em junho de 1924, foi celebrado em Braga o Primeiro Congresso Eucarístico Nacional. Essa foi a última vez que Alexandrina, com grande sacrifício, saiu de casa sem precisar de uma maca. Após vários exames, foi diagnosticada com mielite transversal, que se foi agravando até o dia em que não pôde mais levantar-se, em 14 de abril de 1925. Sua enfermeira, amiga e companheira fiel foi Deolinda, cujo serviço dedicado, paciente e incansável não deixa de demonstrar grande heroísmo. Enquanto ficava em casa, dedicando-se a costurar e cuidar da irmã, sua mãe trabalhava no campo para sustentar a vida da família. Já acamada, Alexandrina conta:

Sem saber como, ofereci-me a Nosso Senhor como vítima e vinha desde há muito tempo pedindo o amor ao sofrimento. Nosso Senhor concedeu-me tanto, tanto esta graça, que hoje não trocaria a dor por tudo quanto há no mundo.⁸

Tendo crescido no povoado a devoção à Nossa Senhora de Fátima, em 1928 foi organizada uma peregrinação paroquial ao lugar das aparições, o que despertou em Alexandrina um grande desejo de ir pessoalmente suplicar à Virgem a graça da cura, a quem já havia rezado muitas novenas

⁷ Cf. *Ibid.*, 35. O fato ocorrido aos 14 anos levou Alexandrina a ser comparada à virgem e mártir italiana santa Maria Goretti, que morreu aos doze anos depois de preferir morrer a pecar contra a pureza. O homem que tentou violentá-la, Alessandro Serenelli, furioso por ter sido rejeitado pela menina, matou-a a facadas em 1902, quase dois anos antes do nascimento da nova mártir da pureza de Portugal.

⁸ *Ibid.*, 39.

nessa intenção. Entretanto seu médico e o pároco da época, Manuel de Araújo, considerando sua grande debilidade, não lhe deram permissão. Desde esse episódio, suas ânsias de recuperar-se desapareceram, ficando somente e cada vez mais intensa sua sede de amor ao sofrimento, buscando conformar-se em tudo com a vontade de Deus.

Entre 1930-1932, Alexandrina renovou seu oferecimento a Deus como vítima e começou a ter experiências mais profundas, fruto dessa intimidade. Nesse período, ouviu a exigência do Senhor que se tornou o lema de sua vida – *Sofrer, amar e reparar* –, o qual resume o mistério de imolação ao qual era convidada e que prontamente aceitava. Sofreu grandes tentações de vaidade por parte do demônio, de atribuir a si mesma tudo quanto lhe passava, ou mesmo de duvidar que fosse o Senhor quem lho revelava.

A década de 30 marcou um período de grande decadência econômica em Balasar, pelo qual a família Costa também foi afetada, com acúmulo de dívidas e perda de bens, chegando a faltar-lhes alimento; consequentemente, a condição física de Alexandrina piorava. Em agosto de 1933, um padre jesuíta de nome Mariano Pinho esteve em Balasar para pregar um tríduo em honra ao Sagrado Coração de Jesus. Ao ouvir sobre o caso da doentinha, ficou interessado em fazer-lhe uma visita e a partir de então começou a acompanhá-la. O apoio que lhe prestava era fundamental, tanto para o consolo de sua alma como para o crescimento de sua vida espiritual e de suas virtudes, dando-lhe força para amar mais o Senhor e conformar-se com sua vontade, aceitando todo sofrimento com e por amor. São numerosas as cartas que trocaram entre si, que descrevem grandes acontecimentos da vida de Alexandrina, nas quais se percebe o profundo afeto que ela tinha por seu *paizinho* – como sempre o tratava. Ele mesmo celebrou a primeira Missa em seu quartinho no dia 20 de novembro do mesmo ano. Em ato de obediência a esse diretor, começou a ditar sua autobiografia.

Em 1934, começou a manifestar-se de modo mais profundo a singularidade da alma de Alexandrina e o grande projeto que o Senhor tinha para sua vida: na quinta-feira, 6 de setembro, convidou-a pela primeira vez à crucificação. Desde então, ela vai compreendendo que aqueles desejos íntimos de unir-se ao Senhor como vítima não eram apenas expressão de sua imaginação ou mero sentimentalismo, senão sua própria vocação, e uma vocação sublime à qual o próprio Deus vai preparando sua esposa

para uma participação extraordinária no mistério de sua Paixão⁹. Esse convite repete-se algumas vezes. Enquanto isso, Jesus vai ensinando-lhe o valor da alma vítima, desde a invitation até a consumação desse grande mistério.

O ano de 1935 veio marcado por intensos padecimentos físicos e espirituais, incluindo várias etapas de purificação como abandono, escuridão, desconsolo, lutas contra o demônio, desolações. Em 6 de abril foi-lhe concedida a graça da visão do Céu e da Santíssima Trindade, e em 30 de julho recebeu de Jesus pela primeira vez o pedido da consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria. Os acontecimentos misteriosos continuaram a desenrolar-se, revelando a extraordinária mística da vida da beata. Entre eles, o Senhor preveniu-a de que morreria antes da festa da Santíssima Trindade do ano seguinte. O fato ocorreu em 7 de junho de 1936, contudo essa morte não era física, no sentido de abandono da alma ao corpo, mas espiritual. Alexandrina recorda o episódio e narra o quanto sofreu naquele dia. O próprio diretor afirmou-lhe que havia sofrido a *morte mística*¹⁰, uma realidade totalmente desconhecida por sua dirigida.

Nesse mesmo ano começou a ouvir muitas queixas do Senhor e pedidos de reparação pelas ofensas recebidas na Espanha (período da guerra civil espanhola), enquanto reiterava o pedido da consagração do mundo a Maria¹¹. O grande sofrimento espiritual continuou nos anos seguintes, nos quais vamos contemplando sua extraordinária e generosa aceitação de tudo o que Deus lhe sugeria ou pedia, com um sorriso cativante que nunca lhe saía do rosto, porque era o sorriso do próprio Cristo nela¹². Entre 1936-1937, Alexandrina sofreu grandes tentações da parte do demônio, por exemplo, dúvidas, suicídio, desespero, inclusive experimentou a possessão diabólica.

Em abril de 1937 passou por uma dura crise na doença, e durante dezessete dias não conseguiu ingerir nenhum alimento, exceto a Santíssima Eucaristia. Nesse ano a Santa Sé começou a estudar o caso, solicitando informações ao arcebispado de Braga, e em 31 de maio enviou o padre Antônio Durão para tratar da consagração do mundo ao Coração

⁹ Alguns textos e etapas importantes desses acontecimentos poderão ser contemplados na segunda parte desta exposição.

¹⁰ Cf. A. COSTA, *Autobiografia*, 66-69.

¹¹ Cf. ID., *Cartas ao Pe. Mariano Pinho, S.J.* (10.IX.1936).

¹² Cf. H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, Porto: Salesianas 1998⁹, 276.

de Maria. Esse sacerdote guardou um profundo afeto pela beata, confirmando que aquele impressionante testemunho era obra de Deus. Nessa época cresciam as lutas contra o demônio, inclusive visíveis. Associado ao combate espiritual ia um grande sofrimento moral: diante do desejo de viver escondida, sua vida tornava-se cada vez mais conhecida e com isso recebia muitos julgamentos falsos por parte do povo¹³.

Tudo isso culminou em 1938. Com seu desejo, disposição e profundo amor de sofrer tudo por Jesus e pelas almas, aquele convite para deixar-se crucificar passou finalmente à experiência concreta. Jesus começou a realizar em sua vítima tudo o que lhe havia pedido, fazendo-a participar vivamente de sua Paixão a partir de 3 de outubro (dia em que a Igreja celebrava a festa de santa Teresinha do Menino Jesus), todas as sextas-feiras (exceto em 30 de dezembro de 1938) do meio-dia às três da tarde. A primeira etapa dessa experiência mística compreende os êxtases físicos ou exteriores da Paixão, e vai de outubro de 1938 a março de 1942. Ao longo desses anos, várias pessoas devidamente autorizadas puderam presenciar e derramar lágrimas de profunda comoção ante um espetáculo tão impressionante. E por que o sofria? O motivo explícito desses êxtases foi o pedido insistente de Nosso Senhor acerca da consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria, e ela não deixaria de vivê-los até que se cumprissem os desejos divinos.

Em dezembro de 1938, foi submetida a novos exames médicos, que pretendiam avaliar se o caso distinguia um fenômeno histérico, místico ou mesmo diabólico. No início do novo ano, chegou a Balasar o cônego Manuel Pereira Vilar, encarregado pela Santa Sé de fazer a segunda análise sobre o caso Alexandrina. Após a eleição de Pio XII, o Senhor afirmou à doentinha que este seria o Papa que consagraria o mundo à sua Mãe, mas anunciou a Segunda Guerra como castigo pelos pecados do mundo e que sua pátria seria guardada dela.

Em 29 de janeiro de 1941, recebeu um grande consolo do Céu quando conheceu o médico Manuel Augusto Dias de Azevedo. A assistência do doutor será fundamental para Alexandrina até sua morte, porque, além de excelente profissional, entendia muito bem os assuntos da mística cristã. Em maio foi examinada pelo Dr. Abel Pacheco e em julho, pelo

¹³ Cf. A. COSTA, *Autobiografia*, 99; ID., *Obras completas de Alexandrina Maria da Costa*, III: *Diário autógrafa*, Alexandre Freire Duarte (ed.), Balasar: Fundação Alexandrina de Balasar e Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa de Braga 2019, 140.

Dr. Gomes de Araújo, em Porto, sendo diagnosticada com compressão medular. Em 27 de agosto recebeu a visita de três sacerdotes, entre eles o padre José Alves Terças, o qual, após assistir ao êxtase da sexta-feira seguinte, dia 29, publicou um artigo contra a vontade de Alexandrina, o que, além de causar grande sofrimento à sua alma, marcou a origem da perseguição ao padre Pinho.

Em janeiro de 1942, o padre Mariano Pinho foi proibido de prestar-lhe qualquer assistência espiritual, inclusive receber ou escrever-lhe cartas, fato que lhe provou um maior sofrimento. A principal causa do distanciamento foram as polêmicas sobre o caso Balasar, incluindo muitas mentiras sobre a relação entre os dois. Depois de quatro anos de intenso sofrimento e de intimidade com Deus desde a primeira crucificação, em 27 de março de 1942 cessaram os êxtases visíveis, a partir do momento em que o Santo Padre decidiu fazer a consagração insistentemente exigida por Jesus. Alexandrina passou então à segunda etapa da experiência da Paixão, agora de modo espiritual, interior, ainda mais dolorosa e sem dias definidos, que durará até sua morte treze anos mais tarde. A partir desse dia também iniciou um jejum e anúria total, e não mais tomou comida nem bebida: seu único alimento foi a Eucaristia. Nesse mesmo dia, experimentou a segunda morte mística, na qual assistiu à destruição e incineração de seu próprio corpo, um fenômeno que continuou por aproximadamente dois anos.

Em 1943, ficou internada por quarenta dias (10 de junho a 20 de julho) no *Refúgio da Paralisia Infantil*, em Porto, sob a supervisão do Dr. Gomes de Araújo, com o objetivo de comprovar a veracidade do jejum de Alexandrina. O relatório assinado por Carlos Alberto de Lima e Manuel Augusto Dias de Azevedo constatou que a paciente não comeu nem bebeu nada durante esse período, tampouco teve secreção de urina e fezes, e que o caso designava um verdadeiro milagre.

Noites escuras de purificação dos sentidos exteriores e interiores, matrimônio místico, transverberação, visita ao purgatório e ao inferno, onde sofre suas penas, visão de sua própria morte e incineração de seu corpo, sepultamento, ressurreição e ascensão mística, e a recepção mística dos estigmas – sempre ocultos, como ela mesma havia pedido a Jesus – são algumas das fortes e cada vez mais profundas experiências que Alexandrina teve nos anos consecutivos, à medida que crescia sua intimidade com Deus, que lhe concedia graças extraordinárias por encontrar em sua amada uma correspondência sem reservas aos seus divinos desígnios. Sua vida vai assim expressando o ideal da vida cristã descrito pelo apóstolo

são Paulo: *Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim* (Gal 2, 20). A transformação em Cristo vai aproximando-a do encontro definitivo com o único Amor de sua alma.

Contudo, em junho de 1944, o arcebispado de Braga promulgou um juízo negativo e pediu silêncio sobre os eventos na vida da beata, em torno aos quais surgiam mais críticas e calúnias¹⁴. Em setembro, o sacerdote salesiano Umberto Maria Pasquale assumiu a direção de sua alma. Foi ele quem a inscreveu e sua irmã entre os Salesianos Cooperadores, na festa da Assunção de Maria desse mesmo ano. Reconhecendo o caráter muito especial da alma de sua dirigida, pediu-lhe que ditasse seu diário até a morte, o qual foi escrito com a ajuda de sua irmã e de sua amiga Sãozinha.

Em 1945, ano do fim da Segunda Guerra Mundial, o Senhor concedeu-lhe experimentar algo totalmente inédito na história da mística cristã, evento confirmado como exclusivo na vida desta vítima com palavras do próprio Jesus: a transfusão do Seu Sangue divino ao seu coração e suas veias; e isso se repetirá outras vezes¹⁵.

Em fevereiro de 1946, o querido padre Pinho foi exilado ao Brasil¹⁶. Em 3 de outubro, Alexandrina perdeu as articulações de seus braços e vértebras e teve de ser colocada sobre duras tábuas, onde permaneceu até sua morte. Em novembro foi submetida a novas observações médicas e teológicas.

Ao aumentar seus sofrimentos e pensando que sua vida na terra estava prestes a terminar, em 1947 escreveu seu impressionante testamento aos pecadores¹⁷. Em 23 de setembro de 1948, despediu-se do padre Umberto, que retornava à Itália, com quem manteve contato por cartas. Entre os anos 1950-1951, foram muito constantes os apelos à conversão, penitência e reparação que o Senhor dirigiu ao mundo pela boca de sua vítima. O Senhor ia mostrando-lhe a justiça do Pai que não pode esperar mais, e sua serva fiel pedia-Lhe tempo e misericórdia em favor dos pecadores.

¹⁴ Esse exame foi posteriormente reconhecido como incompetente e retratado, especialmente graças ao testemunho do padre Umberto. Cf. *Nota arquiépiscopal de 16 de junho de 1944 sobre a Alexandrina*, em http://alexandrinabalasar.free.fr/paginas_de_polemica_05.htm (30.III.2021).

¹⁵ Cf. A. COSTA, S (2.XI.1945; 7.II.1947); S (13.II.1948; 18.VI.1948), em ID., *Solo per amore*, 96ss; A. ROCHA, *Flor eucarística*, 175.

¹⁶ Jesus, em alguns êxtases, promete a Alexandrina a salvação de seu pai espiritual. Por exemplo, cf. A. COSTA, S (4.IX.1948; 7.VI e 1.XI.1952).

¹⁷ Cf. H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 305.

A missão de Alexandrina era árdua, era missão de salvação das almas. Nos últimos anos de sua vida, a multidão que acorria para vê-la era numerosíssima, atingindo mais de cinco mil pessoas num único dia. Às vezes as ouvia e falava-lhes por mais de nove horas. Quantos testemunhos há de pessoas que se converteram depois de vê-la ou ouvi-la! O próprio Senhor assegurou-lhe em 6 de fevereiro de 1948: «A tua dor é para as almas mais do que a água é para os peixes; a tua dor é para as almas mais que o sol é para a terra»¹⁸, e em 1954 o Senhor disse-lhe que a havia colocado no mundo para mostrar a este o valor da Eucaristia e o mistério de sua vida divina nas almas.

Novos exames médicos em 1953 e 1954 comprovaram que a mielite e a paralisia da doente não causavam o jejum, senão que lhe eram paralelas, e que o fenômeno da abstinência perpétua pertencia a um grande milagre de Deus. Aquela vítima bendita vai-se consumindo na intensidade dos sofrimentos, e a intimidade com seu Amor vai atingindo seu cume. Jesus mesmo revelou-lhe em 7 de janeiro de 1955 que este era o ano de Alexandrina, aquela que é «escola divina a ensinar os humanos... luz de Deus a iluminá-los nas trevas»¹⁹. É o ano de sua partida à vida que nunca passa.

Em 12 de outubro, após fazer um ato de resignação, Alexandrina pediu perdão e agradeceu a todos, e recebeu a extrema unção das mãos do pároco Leopoldino Mateus. Amanhecia o *dies natalis*, 13 de outubro. Recebeu o viático e morreu por volta das 20h30, assistida pelo padre Mendes do Carmo.

A notícia da morte da doentinha de Balasar repercutiu em todo o Portugal. Milhares de pessoas afluíram à aldeia para despedir-se daquela que consideravam uma santa em vida. Várias vezes o Senhor havia-lhe prometido uma glória muito grande e particular no Céu, torná-la conhecida no mundo e que continuaria a alcançar milhares de conversões: «Não terei santo nem santa nenhum no Céu a quem Eu atenda mais do que a ti»²⁰. Já em 1944 o Senhor pediu-lhe que escrevesse tudo quanto havia experimentado²¹ e prometeu-lhe torná-la conhecida em todo o mundo, confirmando que daquele quartinho sairia uma pregação que alcançaria

¹⁸ A. COSTA, *A Paixão de Jesus em Alexandrina Maria da Costa: Uma mística do nosso tempo*. Escritos da Alexandrina ordenados por Humberto M. Pasquale. Porto: Edições Salesianas 1979, 150.

¹⁹ *Ibid.*, S (11.II.1955), 155.

²⁰ *Id.*, *Cartas ao Pe. Mariano Pinho, S.J.* (25.VII.1935).

²¹ Cf. H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 207.

o mundo inteiro²², e que enviaria a todos quantos lhe invocassem auxílio uma «chuva de pedras preciosas»²³.

Em 1965 Umberto Pasquale iniciou o trabalho de preparação do processo diocesano sobre a virtude e fama de santidade de Alexandrina, que durou de 14 de janeiro de 1967 a 10 de abril de 1973. A Congregação para a Doutrina da Fé concedeu o *nihil obstat* a todos os escritos da serva de Deus em 1977. Em 18 de julho de 1978, os restos mortais de seu corpo foram trasladados à igreja paroquial de Balasar, onde foram colocados em direção ao sacrário, como era seu desejo. Foi declarada venerável em 12 de janeiro de 1996. Em 2003 foi aprovado o decreto que abria o caminho para sua beatificação, realizada pelo Papa João Paulo II em 25 de abril de 2004.

Em 14 de julho de 1948, havia escrito um texto maravilhoso para ser colocado em seu túmulo, com o qual concluímos esta síntese biográfica:

Pecadores, se as cinzas do meu corpo podem ser-vos úteis para vos salvar, aproximai-vos, passai sobre elas, calcai-as até que desapareçam, mas não pequeis mais, não ofendeis mais o nosso Jesus! Pecadores, tantas coisas queria dizer-vos! Não me chegaria este grande cemitério para escrevê-las todas. Convertei-vos! Não ofendeis a Jesus, não queirais perdê-lo eternamente! Ele é tão bom! Basta de pecado! Amai-O! Amai-O.²⁴

1. Defeitos, gostos e virtudes de Alexandrina

Apesar de tantos eventos extraordinários, tanto nos escritos próprios de Alexandrina como nos livros sobre ela identifica-se uma vida normal, simples, completamente “humana”; um modo de agir extraordinário nas coisas ordinárias, especialmente abraçando fielmente a missão que Deus lhe havia confiado. Tudo o que se vê nela é obra da graça e correspondência de sua parte, e com sua resposta ao dom, o Senhor, que leva a termo a obra que começa, transforma sua filha numa alma verdadeiramente predileta até os mais altos graus de união com Ele.

Isto nos leva a pensar a vida de Alexandrina como uma espécie de compêndio do que é a vida cristã, o caminho de santidade, a heroicidade

²² Cf. *Ibid.*, 354.

²³ *Ibid.*, 91.

²⁴ *Id.*, *Fátima e Balasar*, 6. Atualmente esse texto é preservado como um epitáfio no local onde repousam seus restos mortais, na igreja paroquial de Balasar, e também na antiga capela do cemitério onde antes estava enterrada. Esse apelo permanece vivo até hoje.

das virtudes, o sentido do sofrimento, da reparação e da expiação, o mistério da mística enquanto participação nos mistérios de Deus de modo extraordinário ou ordinário, o milagre do jejum eucarístico e tantos outros, experimentados também por tantos outros homens e mulheres na história da Igreja, elevados ou não à honra dos altares.

1.1. Defeitos

Em sua autobiografia, Alexandrina recorda seus primeiros defeitos. Entre eles, era muito tenaz, inquieta, travessa, vaidosa, às vezes impaciente e irascível; certa vez até pulou num campo para pegar algumas batatas, sem qualquer outra intenção, e tantas outras *maldades* ou engenhosidades que afirma encontrar em si mesma desde muito pequena e das quais demonstra profunda compunção. Com um tom humorístico, narra divertidos episódios²⁵, como este de quando tinha três anos:

Como era desinquieta e enquanto minha mãe descansava um pouco, tendo-me deitado junto a ela, eu não quis dormir e levantando-me subi à parte de cima da cama para chegar a uma malga que continha gordura de aplicar no cabelo... Minha mãe deu por isto, falou-me e eu assustei-me; com o susto deitei a malga ao chão, caí em cima dela e feri-me muito no rosto. Foi preciso recorrer imediatamente ao médico que vendo o meu estado recusou-se tratar-me julgando-se incapaz. Minha mãe levou-me a Viatodos a um farmacêutico de grande fama, que me tratou embora com muito custo, porque foi preciso coser a cara por três vezes e levou bastante tempo a cicatrizar a ferida. O sofrimento foi doloroso. Ah! se desta idade soubesse já aproveitar-me dele!... Mas não. Depois de um curativo fiquei muito zangada com o farmacêutico; este ofereceu-me alguns biscoitos e vinho, que depois de amolecidos no vindo, queria que os comesse. Eu tinha fome e às vezes até chegava a chorar porque não podia mexer os queixos. Não aceitei a oferta e ainda maltratei o farmacêutico. Ora aqui está a minha primeira maldade.²⁶

1.2. Gostos

Não obstante esses acontecimentos, estava dotada de uma consciência delicada e tímida e de uma personalidade simples. Alexandrina foi crescendo em virtudes desde tenra idade. Era de um caráter muito vivaz,

²⁵ Cf. A. COSTA, *Autobiografia*, 16-25.

²⁶ *Ibid.*, 16.

divertido e engraçado, a tal ponto que sua mãe dizia ter em casa seu próprio bobo, como os reis tinham seus arlequins.

Apesar disso, era muito responsável, sempre pronta para trabalhar, cuidar da casa e gostava que tudo estivesse bem feito. Tal era sua dedicação aos trabalhos, cheia de disposição e boa vontade para ajudar nas despesas de casa, que aos quatorze anos recebia o mesmo salário que sua mãe.

Apreciava estar sempre limpa e asseada, cantar e dar catequese, e tinha pelo canto um apreço peculiar, «uma paixão louca»²⁷. Amava as flores, os animais e a natureza. Estava sempre disposta a ajudar e servir os mais necessitados, idosos e enfermos, oferecer-lhes companhia, alimento ou roupa. Também desde pequenina demonstrava uma constante lembrança de Deus e um gosto pela oração e por ir à igreja.

1.3. Virtudes

Entretanto, se pensarmos nas virtudes e devoções particulares de Alexandrina, encontramos um exemplo e modelo de vida comparado a um abismo no qual quanto mais se adentra, mais se descobrem grandes tesouros. O próprio Senhor afirma que sua vida é um livro onde se condensam todos os mistérios divinos, e assegura-lhe: «Podem vir todos ao jardim que Eu cultivei para colherem flores de virtude, flores de pureza, flores de graça, flores de caridade, flores de heroísmo, flores de toda a variedade»²⁸.

Tal diversidade é fruto primeiramente de sua humildade, sem a qual não haveria nenhuma outra virtude e que abria as portas para que o Senhor fizesse grandes maravilhas nela. Humilde desde o reconhecimento de seu nada e miséria a ponto de sentir-se «digna de desprezo»²⁹, atingindo um grau que se poderia chamar *humildade infusa*, como a qualificou seu primeiro diretor³⁰.

Das virtudes teologais encontramos na beata uma «fé inflexível, mais firme que uma rocha» mesmo diante das tentações contrárias que a assaltavam, chamada a reparar «por aqueles que não a têm, por aqueles que vivem sem Deus»³¹. Sua *esperança* manifesta-se no ardente desejo

²⁷ *Ibid.*, 31.

²⁸ H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 211.

²⁹ M. PINHO, *Uma vítima da Eucaristia. Alexandrina Maria da Costa: a doentinha de Balasar*, Balasar: Pároco de Balasar 1975⁵, 38.

³⁰ *Ibid.*, 42.

³¹ A. COSTA, S (25.III.1955), em *Id.*, *Solo per amore*, 178.

de ir logo para o Céu, de ser santa e de jamais ofender Jesus. Mas sua vida virtuosa pode resumir-se no *só por amor* impresso em seu coração.

1.3.1. Alma eucarístico-mariana³²

Essa caridade desdobra-se, primeiro, no amor reverente, apaixonado e incondicional à Santíssima Trindade – seus *três amores* –, consciente de sua infinita grandeza perante sua baixeza; segundo, a Jesus e à Eucaristia, centro de sua espiritualidade e missão, juntamente com o desejo de fazê-Lo amado por todos, expresso em frases como: «Se eu pudesse pagar e me trouxessem Nosso Senhor por dinheiro, quanto não daria eu!»³³; terceiro, à *Mãezinha* – como carinhosamente se lhe dirigia –, a quem dedicava orações diárias e os meses de maio, nos quais lhe pedia por intenções particulares e de outros, convencida de que através d’Ela lhe vinham todas as graças. Prova dessa grande devoção a Maria é sua inscrição na associação *Filhas de Maria*, em outubro de 1933.

1.3.2. Amor à cruz

Outro grande e notável amor de Alexandrina é à cruz, com uma renovada e heroica generosidade de sofrer tudo por amor e sem queixar-se, a ponto de pedir sempre mais sofrimentos e que não lhe fossem poupados, motivada apenas pelo desejo de consolar Jesus e salvar-Lhe almas. A isso se acrescenta um espírito de reparação, mortificação e sacrifício que se manifestam vivamente em sua ânsia de ser crucificada e consumida por amor.

Esse anelo profundo une-se a uma surpreendente resignação e conformidade com a vontade de Deus, com uma confiança e um abandono inabaláveis, completamente serena e obediente em tudo (a Deus, à Igreja e a seus diretores), capaz de exclamar em 5 de julho de 1953: «Se morrer, morro a obedecer. Tudo pelas almas com os olhos em Jesus»³⁴.

«Que consolação para mim é o sofrer»³⁵. Ao ler essas palavras, o amigo leitor talvez fique admirado e pergunte-se o porquê de tanta ênfase na cruz, abraçada numa sede e fome de sofrer pelo Senhor e ainda sentir consolo

³² Como afirma seu primeiro diretor. Cf. M. PINHO, *No Calvário de Balasar: Alexandrina Maria da Costa*, Braga: Apostolado da Oração 2005², 41.

³³ ID., *Uma vítima da Eucaristia*, 32.

³⁴ A. COSTA, *Diário autógrafa*, 140.

³⁵ ID., *Cartas ao Pe. Mariano Pinho* (25.VII.1935).

nisso. Como pode tal afã de sofrimento ser virtude? Ora, o bem não está, evidentemente, no sofrimento em si, senão na prontidão e generosidade com que o aceita, porque o Senhor escolheu-a para a cruz, e Alexandrina abraçou-a até o fim sem a mínima recusa aos desejos divinos. E é nisso em que consiste a virtude, e virtude elevada a um grau heroico. Não, a crucificada de Balasar não é nenhuma masoquista ou lunática, mas uma verdadeira amante de Cristo e de Cristo crucificado, a qual Ele mesmo havia escolhido para completar sua Paixão (cf. Col 1, 24). Como lemos em seu Diário, na página de 24 de maio de 1949:

Sei que Ele quer este sofrimento e confiada nas suas divinas promessas sobre a salvação das almas, é que eu, com o sorriso nos lábios e o coração a sangrar, vou recebendo e aconselhando, com a minha grande ignorância, a todos que se aproximam de mim.³⁶

Por Jesus e para a salvação das almas: este desejo estava tão fixo em seu coração que, nos momentos de mais dolorosos sofrimentos, estava sempre movida por um sentido de gratidão, como nestas palavras de 8 de novembro de 1948: «Ó Jesus, para Vós o meu frio e fraco amor. Para mim o vosso amor puro e abrasado»³⁷. Esse espírito agradecido só é possível porque é humilde e resignada, como se contempla no que escreve em 1947:

Eu nunca esqueço, por mais dura que seja a prova por que o meu Jesus me faz passar, um “muito obrigada” e “faça-se a Vossa Santíssima Vontade; o que Vós quiserdes, meu bom Jesus, também eu quero; eu quero ser consumida nas chamas do vosso divino amor na Santíssima Eucaristia”... e sou bem atendida, porque estou bem consumida, na ânsia de O querer amar e parece-me que O não amo! Como o meu Jesus ama tanto a minha pobre alma, apesar das minhas ingratidões passadas! E ainda agora O desgosto tantas vezes e tanto O não queria desgostar! Meu Deus, meu Deus, como eu sou tão má!³⁸

1.3.3. União com Deus

É na oração confiante, constante, simples e piedosa onde Alexandrina vai crescendo na intimidade com o Senhor. Na beleza e profundidade de suas expressões escondem-se várias dimensões da oração cristã, como o espírito adorador, oferecendo louvores a Deus com reverência e entrega, desprendimento e obediência; ânsia de seguir e imitar Jesus Cristo; o

³⁶ M. PINHO, *Uma vítima da Eucaristia*, 41.

³⁷ A. COSTA, *Diário autógrafa*, 44.

³⁸ M. PINHO, *Uma vítima da Eucaristia*, 37.

desejo de consolá-Lo de incontáveis ofensas, intercedendo e oferecendo-se pelos outros.³⁹

Virgem e totalmente consagrada, estava de tal maneira unida a Deus que tinham um só coração. Ele, por sua vez, que desejava ser seu único amor, seu Esposo, seu amado, seu tudo, escolhe-a para a felicidade de muitas almas⁴⁰. A muitos parecia que ela estava sempre na presença do Senhor, numa adoração ininterrupta.

Sua alma contemplativa também se estende à natureza⁴¹. Quantas vezes parava a contemplar o céu, o raiar do dia, a escutar os pássaros e as águas, que lhe falavam de Deus e a conduziam a Deus, a admirar sua beleza, grandeza e poder manifestados em suas criaturas. Assim o expressava em 1944: «O canto, a natureza, o mar obrigam-me a entrar em mim, a sair de mim»⁴².

1.3.4. Bem-aventurada pureza que dá a visão de Deus

Tal era sua estima pela pureza, sua virtude mais amada⁴³, e pela inocência, que foi levada a pular de uma janela para proteger-se de uma violação. Ademais, sabia fugir das ocasiões de pecado, das más conversações. Outros acontecimentos mostram seu amor não só pela pureza, vivida num grau heroico, mas também sua oferta como virgem ao Senhor. Várias vezes, quando alguns rapazes se aproximavam dela com intenção de namoro ou com certa malícia, ela era intransigente ao dizer não.

O Senhor também põe seu belo lírio como um verdadeiro exemplo de pureza, como lhe diz em 5 de dezembro de 1947: «Em ti aprendam as donzelas a guardarem para Mim o lírio cândido da sua pureza. Em ti aprendam os velhos e novos, ricos e pobres, sábios e ignorantes: em ti aprendam todos a amar-Me no sofrimento, a levar a sua cruz»⁴⁴.

³⁹ Cf. A. COSTA, *Autobiografia*, 43-49; 66.

⁴⁰ Cf. M. PINHO, *Uma vítima da Eucaristia*, 57.

⁴¹ Sobre isso há um artigo muito interessante publicado por Pedro Sinde com o título Beata Alexandrina e a contemplação da natureza, no qual trata de três aspectos da natureza como reflexo do Criador, livro e intercessora, em http://alexandrina.balasar.free.fr/sinde_alexandrina_contemplacao_natureza.htm (15.VII.2020).

⁴² H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 71.

⁴³ Cf. *Ibid.*, 44.

⁴⁴ A. COSTA, S (5.XII.1947), em H. PASQUALE, *Fátima e Balasar*, 24.

1.3.5. Maternidade espiritual

Muito relevante na vida desta serva de Deus é também o amor e veneração especial pelo Papa (por quem gostava de oferecer todos os sacrifícios e orações⁴⁵) e pelos sacerdotes, pelos quais o Senhor lhe pedia que oferecesse particularmente uma parte de seus sofrimentos, reparação e sacrifícios, especialmente numa época em que eram ridicularizados e perseguidos. Isso sublinha que sua vida compreende também um mistério de maternidade espiritual⁴⁶ que lhe outorga o próprio Jesus e que se estende ao cuidado de todas as almas.

Em seu zelo e fome de almas⁴⁷, cada uma com seu valor insubstituível e imensurável, tinha um coração apostólico e cheio de caridade. Sempre atenta às necessidades dos outros, antes de ficar acamada, era capaz de renunciar ao próprio alimento para dá-lo aos pobres. Era acolhedora, paciente e bondosa, pronta a ouvir com paciência e aconselhar com sinceridade, dona de um sorriso encantador e inspirador para tantos que a visitavam, cujo segredo poderia resumir-se nestas palavras: «Mostro-me feliz e alegre, e a minha felicidade está no sofrimento e em fazer a vontade de Deus»⁴⁸.

1.3.6. Como um anjo

Alma simples, fina, delicada, nobre de caráter e atitudes, de uma pequenez e impressionante espontaneidade no trato com o Senhor e o próximo, desprendida de si e cheia do Senhor, custódia de Jesus nos sacrários – sua especial missão –, companheira das almas, e de um espírito profundamente adorador, contemplativo, expiatório e missionário, Alexandrina estava sempre pronta a servir, a exemplo dos anjos santos⁴⁹, porque o *non serviam – não servirei* – vem dos anjos que caíram, enquanto os bons, com Miguel, clamaram: *Quis ut Deus? Serviam!* – *Quem como Deus? Servirei!*

Com esses servos fiéis o Senhor comparou-a em 17 de outubro de 1934:

⁴⁵ Cf. A. COSTA, *Diário autógrafo*, 100; 105.

⁴⁶ Voltaremos a este tema com mais detalhes na parte II.

⁴⁷ Cf. A. COSTA, S (6.III.1945), em ID., *Solo per amore*, 103.

⁴⁸ H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 327.

⁴⁹ Ao longo de sua vida, Alexandrina tem especial devoção aos santos anjos e experimenta inúmeras intervenções angélicas. Por isso se pode entender por que foi comparada a um anjo do Senhor.

Quero-te mais brilhante do que os anjos. Sim, porque os anjos são brilhantes por natureza, e tu é-lo porque te conservaste, porque permites a Jesus trabalhar em ti livremente, e enriquecer-te com as mais belas virtudes.⁵⁰

Da mesma forma, pelo amor que tinha por viver escondida e no silêncio, embora nem sempre satisfazia esse desejo por causa do número de visitantes que frequentemente lhe causavam grande tormento interior e certa repugnância, correspondia com docilidade, acolhendo tudo como vontade de Deus. Estava sempre alegre e era capaz de contagiar quem se lhe acercava. Tinha o propósito de ser sempre paciente e servidora, e por isso nunca deixava de estar recolhida e muito unida a Deus.

Foi fiel no calvário de sua vida, fiel até o último suspiro, como lho afirma o próprio Senhor: «Foste fiel e sempre serás fiel a teu Senhor»⁵¹. Por sua fidelidade no pouco e no muito, podia ser uma alma verdadeiramente unida e transformada em Cristo. Serva boa, humilde e fiel que agora nos é exemplo de virtude. E por haver sido fiel, foi levada a cantar com a assembleia dos anjos o *Sanctus*.

2. Os nomes que Jesus outorga a Alexandrina

O interesse de apresentar uma seção sobre os nomes que Alexandrina recebe de Jesus⁵² parte do seguinte pressuposto: o nome expressa a essência do ser, quer dizer, o que configura sua natureza e respectiva função. No caso da beata, manifesta sobretudo a particularidade da graça que lhe foi concedida. Seu segundo diretor espiritual conta mais de trezentos títulos, ora cheios de ternura e beleza, como o amante que se dirige à amada, ora carregados da ira de Deus, que realçam a alta missão que lhe havia designado. Como não é possível mencioná-los todos aqui, apontaremos alguns que traduzem mais diretamente sua vida eucarística e que nos permitirão conhecer melhor a vida e a elevada intimidade com Deus à qual chegou sua nobre serva.

⁵⁰ H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 81.

⁵¹ A. COSTA, S (10.IV.1953), em Id., *Solo per amore*, 115.

⁵² Evidentemente, aqui se faz uma seleção a partir de diferentes êxtases vividos pela beata, que aparecem em seus escritos compilados em diversas obras que utilizamos. São apresentados fora de contexto, uma vez que o objetivo é fazer referência a esse aspecto muito particular encontrado em suas narrativas, cheias de poesia, beleza e profundidade; além disso, seria impossível demonstrar nesta exposição o contexto de cada uma das expressões que desejamos destacar, embora fosse maravilhoso apresentá-lo. Se grande é a beleza dos nomes, tanto mais belo é vê-los nos inúmeros diálogos donde saem.

A ternura do Senhor evidencia-se em nomes como: «minha filha», «meu anjo», «meu amor»⁵³, «minha amada», «minha esposa», «minha dileta»⁵⁴, «meu encanto»⁵⁵, «pedra preciosa, minha joia riquíssima»⁵⁶ e tantos outros equivalentes que se repetem muitas vezes ao longo de sua vida. Uns demonstram suas virtudes de um modo particular, por exemplo, sua pureza em vocativos como «meu lírio, minha açucena pura»⁵⁷, «meu lírio perfumado com aroma angelical»⁵⁸, minha pomba bela»⁵⁹.

Um dos nomes mais frequentes é o de *vítima*. Inúmeras vezes Alexandrina renova em oração seu oferecimento como tal a Jesus, acrescentando vários atributos a esse desejo que configurará sua missão, por exemplo: vítima da Eucaristia, vítima dos sacerdotes, vítima dos pecadores, vítima de sua própria família, vítima da Santíssima Paixão de Jesus, vítima das dores de Maria, vítima da santíssima vontade do Senhor, vítima do mundo inteiro, vítima da paz, vítima da consagração do mundo à Mãezinha...⁶⁰. De fato, o Senhor leva a sério essas palavras e muitas vezes a chama «minha vítima»⁶¹, nome ao qual agrega vários adjetivos, tais como «minha vítima mais amada»⁶², «vítima de reparação pelos pecados do mundo»⁶³, «vítima de minhas prisões»⁶⁴, «vítima de meus desígnios»⁶⁵, «minha vítima mais generosa»⁶⁶, «maior vítima da humanidade»⁶⁷, «vítima imolada, vítima do Rei divino»⁶⁸. Enfim, no êxtase de 20 de outubro de 1939, afirma-lhe:

⁵³ M. PINHO, *Uma vítima da Eucaristia*, 60.

⁵⁴ H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 74.

⁵⁵ A. COSTA, *Cartas ao Pe. Mariano Pinho* (23.IV.1939), em M. PINHO, *Uma vítima da Eucaristia*, 95.

⁵⁶ M. PINHO, *No Calvário de Balasar*, 262.

⁵⁷ ID., *Uma vítima da Eucaristia*, 45.

⁵⁸ H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 135.

⁵⁹ *Ibid.*, 221.

⁶⁰ Cf. A. COSTA, *Autobiografia*, 46.

⁶¹ M. PINHO, *No Calvário de Balasar*, 157.

⁶² *Ibid.*, 186.

⁶³ ID., *Uma vítima da Eucaristia*, 34.

⁶⁴ *Ibid.*, 60.

⁶⁵ *Ibid.*, 61.

⁶⁶ *Ibid.*, 87.

⁶⁷ H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 114.

⁶⁸ *Ibid.*, 279.

«És a maior vítima que tenho na terra, a de maior generosidade, a de maior sofrimento, a de maior amor»⁶⁹.

Ainda associados à sua missão de vítima encontramos: «minha crucificada»⁷⁰, «heroína sempre combatente»⁷¹, «cordeirinho sacrificado e imolado»⁷², «calvário dos pecadores»⁷³, «esposa de Cristo crucificado»⁷⁴. Não se podem esquecer outros que nos apontam seu heroísmo no sofrimento quando ouve do próprio Senhor: «Consumida, perdida no amor de Jesus»⁷⁵.

Referentes a seu amor heroico a Jesus, especialmente na Eucaristia, e à missão de ser guardiã dos sacrários, aparecem tantos outros predicaos cheios de beleza. Ela mesma se denomina lampadazinha dessas prisões de amor, sentinela dos sacrários⁷⁶. O Senhor, que vê e escuta a generosa oferta de sua serva, confirma-a como sua verdadeira e fiel vigia e seu mesmo tabernáculo, e chama-a: «florinha eucarística»⁷⁷, «louquinha do amor divino», «minha louquinha»⁷⁸, «minha heroína»⁷⁹, «companheira fiel dos meus sacrários, esposa da minha Eucaristia»⁸⁰, «louquinha da Eucaristia»⁸¹, «rainha do Rei Sacramentado»⁸², «rainha do Rei da Eucaristia, esposa do Rei Sacramentado»⁸³, «sacrário construído não por mãos de homem, mas divinas... habito em ti como se só tu existisses no mundo e só te tivesse a ti para beneficiar»⁸⁴.

⁶⁹ M. PINHO, *No Calvário de Balasar*, 125.

⁷⁰ A. COSTA, *Cartas ao Pe. Mariano Pinho* (23.IV.1939), em M. PINHO, *Uma vítima da Eucaristia*, 95.

⁷¹ H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 94.

⁷² A. COSTA, S (16.II.1945), em Id., *Solo per amore*, 106.

⁷³ Id., S (20.XI.1953), em Id., *A Paixão de Jesus em Alexandrina*, 153.

⁷⁴ M. PINHO, *No Calvário de Balasar*, 183.

⁷⁵ *Ibid.*, 279.

⁷⁶ Cf. A. COSTA, *Autobiografia*, 46.

⁷⁷ M. PINHO, *No Calvário de Balasar*, 270.

⁷⁸ Id., *Uma vítima da Eucaristia*, 84.

⁷⁹ *Ibid.*, 87.

⁸⁰ *Ibid.*, 63.

⁸¹ H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 131.

⁸² A. COSTA, *Cartas ao Pe. Mariano Pinho*, S.J. (11.VI.1935).

⁸³ *Ibid.* (11.VII.1935).

⁸⁴ H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 75.

Aquele que é o «preso dos presos» pede-lhe desagravo, companhia e diz-lhe que visitar os presos é uma obra de misericórdia. A esta serve que nunca lhe responde que não, chama-a «templo», «templo da Santíssima Trindade», «sacrário que Ele escolheu para habitar e repousar».⁸⁵

Outros nomes mostram claramente o amor que Jesus lhe tem. Ele se autodenomina «um louquinho, um perdidinho de amor» por ela⁸⁶, a quem se dirige como: «amor do meu amor»⁸⁷, «meu céu na terra»⁸⁸, «minha esposa mais querida»⁸⁹, «primogênita do meu divino Coração»⁹⁰, «encanto dos meus olhos, a alegria, a consolação do meu Coração divino»⁹¹, «foco atraente do meu Coração», d'Aquele que se denomina «o teu Jesus, o teu Esposo»⁹². E quando sela com sua amada o desposório espiritual, exclama-lhe: «tudo do meu Coração», «meu ornamento mais belo e sublime»⁹³.

Entre os que se referem à particularidade de sua eleição e sua responsabilidade pelas almas lemos: «guerreira das almas», «salvadora da humanidade»⁹⁴, «minha pastorinha»⁹⁵, «vida das almas»⁹⁶, «poderosa para tudo», «auxiliadora dos pecadores»⁹⁷, «rainha e mãe dos pecadores»⁹⁸, «rainha do amor, rainha dos sacrifícios, rainha das cruzes»⁹⁹, «porta-voz de Jesus»¹⁰⁰, «escora firme para sustentar o braço de minha justiça divina»¹⁰¹, «fiadora» do mundo¹⁰², «nova redentora», que incendeia o amor de Jesus

⁸⁵ M. PINHO, *Uma vítima da Eucaristia*, 33.

⁸⁶ ID., *No Calvário de Balasar*, 115.

⁸⁷ H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 81.

⁸⁸ M. PINHO, *Uma vítima da Eucaristia*, 41.

⁸⁹ *Ibid.*, 104.

⁹⁰ *Ibid.*, 283.

⁹¹ *Ibid.*, 159.

⁹² ID., *Uma vítima da Eucaristia*, 45.

⁹³ H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 142.

⁹⁴ *Ibid.*, 115.

⁹⁵ *Ibid.*, 221.

⁹⁶ *Ibid.*, 270.

⁹⁷ *Ibid.*, 288.

⁹⁸ *Ibid.*, 354.

⁹⁹ A. COSTA, S (20.IV.1945).

¹⁰⁰ *Ibid.*, (1.V.1953), em M. PINHO, *No Calvário de Balasar*, 291.

¹⁰¹ A. COSTA, *Cartas ao Pe. Mariano Pinho, S.J.* (9.XII.1934).

¹⁰² M. PINHO, *No Calvário de Balasar*, 115.

na humanidade e da qual se falará enquanto o mundo for mundo¹⁰³, «luz da humanidade»¹⁰⁴, «ímã atraente» das almas, «missionária diletta do Altíssimo»¹⁰⁵, «louca enamorada das almas»¹⁰⁶, «farol, sol resplandecente, continuadora da obra de Jesus na terra»¹⁰⁷, «luz e farol do mundo»¹⁰⁸, «luz e salvação das almas»¹⁰⁹.

Agora, há alguns adjetivos muito peculiares que refletem a singularidade da alma a quem se dirigem, cheios de novidade, profundidade, beleza e relevância teológica, por exemplo: «pérola esplendorosa, estrela fulgurante» que faz brilhar a coroa do seu Esposo e «canal por onde hão de passar as graças» que ela há de distribuir às almas «e pelo qual hão de ir as almas a Ele»¹¹⁰; «livro de ciência», «cofre onde estão depositadas todas as ciências divinas», «prodígio sem igual»¹¹¹; «grandeza incompreensível que no mundo, rara, jamais se encontrará»¹¹²; «livro onde estão escritas, com dor e sangue, letras de ouro e pedras preciosas todas as ciências divinas»¹¹³; «serafim de amor», «cópia mais fiel de Cristo crucificado»¹¹⁴; «nova salvadora da humanidade», «doutora das ciências divinas», «heroína do amor, heroína da dor, heroína da reparação, heroína dos combates», e se não pudesse ser heroína de muito mais, é então «rainha dos heroísmos»¹¹⁵. E em 2 de setembro de 1944, quando Jesus lhe entrega seu Coração, chama-a «depositária», «cofre das minhas riquezas»¹¹⁶.

Em 3 de novembro de 1944, o Senhor afirma que reina nela, que ela é seu «trono», sua «rainha» e concede-lhe o «título de rainha da dor, rainha

¹⁰³ O título de redentora aparece em várias páginas do diário de Alexandrina. Cf. por exemplo, A. COSTA, S (1.XII.1944) e ID., *Solo per amore*, 98; 151.

¹⁰⁴ A. COSTA, S (16.VI.1950), em ID., *Solo per amore*, 149.

¹⁰⁵ *Ibid.*, (21.XI.1952), 153.

¹⁰⁶ *Ibid.*, (26.XI.1954), 158.

¹⁰⁷ *Ibid.*, (18.IX.1953), 109.

¹⁰⁸ *Ibid.*, (10.VI.1955), 179.

¹⁰⁹ ID., S (9.IV.1954), em ID., *A Paixão de Jesus em Alexandrina*, 153.

¹¹⁰ H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 91.

¹¹¹ *Ibid.*, 225.

¹¹² A. COSTA, *Cartas ao Pe. Mariano Pinho, S.J.* (22.VIII.1935).

¹¹³ ID., S (1.XII.1944).

¹¹⁴ *Ibid.*, (6.IV.1945).

¹¹⁵ *Ibid.*, (18.V.1945).

¹¹⁶ M. PINHO, *No Calvário de Balasar*, 263.

do amor, rainha dos pecadores»¹¹⁷. E seguem qualidades que parecem não ter fim na criatividade do divino Esposo: «meu palácio, riquíssimo sacrário da minha habitação»¹¹⁸, «rainha do martírio, rainha da imolação», «rainha do mundo», «rainha sim – diz-lhe Jesus – porque o teu martírio é superior a todo o martírio e imolação. É por isso que és a rainha»¹¹⁹. E cinco anos depois: «És luz do Evangelho porque a tua vida cheia de maravilhas mostra mais claramente aquilo que foi a minha vida sobre a terra, a minha Paixão, a minha Misericórdia, a minha ternura, a loucura do meu Amor Divino!»¹²⁰

Alexandrina ainda recebe outros nomes por parte do povo. Era conhecida por muitos como a santinha e doentinha de Balasar. Após sua morte o povo exclamava: «Morreu a mãe de Balasar! Morreu a mãe dos pobres!»¹²¹, a «mãe dos doentes»¹²², «o auxílio dos miseráveis», «a consoladora dos aflitos»¹²³. O cardeal de Lisboa via-a como «um serafim que se consome de amor»¹²⁴. Em 1950, estando em Roma, o padre Umberto encontrou o Papa Pio XII e pediu-lhe uma bênção para Alexandrina; o Papa respondeu-lhe: «Não uma, mas todas as bênçãos àquela filha querida»¹²⁵. Na cerimônia de sua beatificação o Papa João Paulo II denominou-a «esposa de sangue», que «revive misticamente a paixão de Cristo e oferece-se como vítima pelos pecadores, recebendo a força da Eucaristia, que se torna o único alimento dos seus últimos treze anos de vida»¹²⁶.

Mas poderíamos perguntar-nos: de que modo Alexandrina reage a tantos elogios? Não terá caído em vanglória ou presunção? Ao contrário, sua resposta foi sempre uma atitude de humildade, reconhecendo-se nada diante de Deus, a maior pecadora, e a convicção de que não os merecia,

¹¹⁷ H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 220.

¹¹⁸ *Ibid.*, 220.

¹¹⁹ *Ibid.*, 221.

¹²⁰ A. COSTA, S (13.IX.1949), em H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 288.

¹²¹ H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 37.

¹²² *Ibid.*, 39.

¹²³ *Ibid.*, 361.

¹²⁴ *Ibid.*, 264.

¹²⁵ M. PINHO, *No Calvário de Balasar*, 267.

¹²⁶ JOÃO PAULO II, *Homilia na concelebração eucarística para a proclamação de seis beatos* (25.IV.2004), 7.

movendo-se inclusive ao desprezo de si mesma. Tantos enaltecimentos são antes recompensas por suas virtudes, sua generosidade, pureza, entrega, resignação, amor louco e heroico, sua conformidade com a vontade de Deus e sobretudo sua identificação com o único Amor de sua alma.

Todavia lembremos que Alexandrina está, por pura graça e correspondência com ela, transformada em Cristo, e é Cristo quem é o Redentor, o Salvador, o Cordeiro imolado e sacrificado no lugar dos homens, a Vítima inocente, que se fez réu para dar-nos a salvação e restituir-nos a vida. E Ele foi odiado, massacrado, chagado, tudo por amor, porque assumindo o peso de nossas culpas carregou nossos pecados. Assim, a missão dessa esposa amada é uma configuração com Ele até as últimas consequências.

Havendo sido transformada em Cristo, «transformada no Infinito»¹²⁷, que é quem realiza em sua amada todas essas obras, ouve do Pai no dia 4 de março do ano de sua morte:

Esta é a nossa filha bem-amada, em quem foram sempre postos os nossos olhares. Esta é a nossa filha bem-amada, sempre assistida pelo Espírito Santo. Esta é a nossa vítima primogênita; a primeira na reparação, no heroísmo, na generosidade, a louca de amor, por Nós e pelas almas.¹²⁸

Entretanto a filha amada teve de descer do Tabor como o divino Mestre e subir a via dolorosa rumo ao Gólgota, e nesta via recebeu novos nomes que, contudo, não lhe foram nada agradáveis aos ouvidos. Identificada com Cristo que não conheceu pecado, Alexandrina continua sendo pecadora que acolhe a missão de ser vítima dos pecadores e, como tal, sentirá o peso dos pecados do mundo inteiro, um peso tão forte que a esmaga. Condenada em favor das almas, recebe o título de «réu de toda a humanidade»¹²⁹, o qual talvez melhor expressa o que significa o mistério da expiação.

Por isso os nomes mais significativos com os quais se quer terminar esta seção, que superam todos aqueles elogios, são: «suja», que, sendo inocente, assume toda a sujeira e feiura do pecado, chamada a reparar toda sua imundície; «miserável» e «desgraçada», que ouve as palavras de Jesus dirigidas a uma humanidade perversa que tanto O ofende e caminha em direção ao inferno¹³⁰.

¹²⁷ H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 288.

¹²⁸ *Ibid.*, 273.

¹²⁹ M. PINHO, *No Calvário de Balasar*, 150.

¹³⁰ Cf. *Ibid.*, 129.

Em 3 de abril de 1939, diz-lhe Jesus: «Infame, cruel, não correspondest às graças do teu Deus, do teu Criador! Miserável: olha tua miséria. Toda a miséria da humanidade é tua: toda a gravidade dos seus crimes. Que vergonha! Paga-Me»¹³¹. No dia 22 de julho do mesmo ano, ouve estes vocativos duros e muito reais: «cruel, insensata»¹³². Ou mesmo escuta várias vezes vivamente a ira de Deus prometendo esmagar e aniquilar esta «maldita»¹³³, que é «má, digna de condenação e da ira de Deus»¹³⁴. E talvez a causa de tudo isso, como o é para cada homem, expressa-se no nome «íngrata»¹³⁵.

Deve-se ter em conta que, quando o Senhor a chama *maldita* ou *desgraçada*, está dirigindo-se à mesma humanidade que não se converte, não se volta para Deus, não reconhece as maravilhas de seus dons, não teme o juízo divino, e por isso se entende o que lhe diz: «O inferno todo te espera, para atormentar-te em todos os teus sentidos»¹³⁶. É a confirmação de que, para uma vida entregue ao pecado, sem conversão ou inclusive rejeição a Deus, seu destino é a condenação eterna, e isso jamais por uma predestinação divina, senão por livre e voluntária escolha da pessoa. Sua condenação é fruto de uma liberdade vivida contra sua própria natureza, criada para amar Deus e para a visão de Deus. A prova disso vem do próprio Jesus que lhe confirma: «Coragem, minha filha: a ira de Deus que cai sobre ti não é para ti; não és tu que O desafias, mas sim aqueles de quem és fiadora»¹³⁷.

Desejamos que a riqueza contida nesses nomes penetre no coração do leitor e o ajude a entender o que vem a seguir. O porquê de tantos nomes entenderemos mais adiante, mas antecipamos que, se merece tantos elogios, é porque é alma eucarística, e à Eucaristia atribui-se tudo o que há de mais belo e que ao mesmo tempo é insuficiente e impronunciável, porque nesse Santíssimo Sacramento estão contidas todas as riquezas divinas. Ao que podemos concluir com a mesma promessa que Jesus lhe fez em 1944:

¹³¹ *Ibid.*, 148.

¹³² *Ibid.*, 149.

¹³³ Pode-se ler, por exemplo, algumas passagens nas quais aparece este título em *Ibid.*, 108; 137; 139; 156ss; 164; 165; 172.

¹³⁴ *Ibid.*, 169.

¹³⁵ *Ibid.*, 171.

¹³⁶ *Ibid.*, 167.

¹³⁷ *Ibid.*, 169.

«Quando estiveres no Céu, serás invocada com o título de Pastorzinha de Jesus e por todos os títulos que por Mim te foram dados»¹³⁸, e estas fascinantes palavras de 1952 que resumem tudo quanto dissemos até aqui:

Minha filha, minha querida filha, recebi o teu apoio, as tuas carícias, o teu amor. Repara nos meus divinos olhos, já não têm lágrimas. Se muitas almas assim soubessem amar-Me! Se muitas fossem heroínas como tu na reparação! Como é bela a alma sofredora! Como é forte a vítima deste Calvário! Quero que o teu sorriso tenha o brilho do sol, os encantos das estrelas. Eu quero, sim, Eu quero que a minha vida em ti transpareça. Eu quero que o Meu amor por ti vá penetrar nos corações, como os raios do sol pela vidraça. Tu és vidro cristalino. Tu és espelho da humanidade. Tu és a fonte das graças e maravilhas do Senhor. Tu és o cofre das riquezas divinas. Eu quero, Eu quero que enriqueças as almas, abrases os corações. Eu permito que a ti atraíam as ovelhas, preço do meu sangue. Por ti elas vêm a Mim. Por ti saem do aprisco para pastarem no pasto mimoso do Meu Divino coração. Sofre, minha filha, sofre, minha pomba bela, florinha eucarística. Sofre, sofre, que a tua dor é preço de resgate. É com o valor do teu sofrimento que as almas são arrancadas a Satanás, ao inferno. Vem a Mim para o Paraíso. Recebe a gota do Meu Divino Sangue. Estão unidos, bem unidos, os nossos corações. São dois num só. É Jesus a viver no teu coração. É Jesus a falar no teu coração. É Jesus a amar. É Jesus em ti, contigo a salvar o mundo. Já corre a gotinha do sangue nas tuas veias. Tens em ti nova vida, novas forças, novo heroísmo. Sê forte, minha filha, sê forte! Fala ao mundo, fala com a voz de Jesus. Penitência, penitência, faça-se penitência. Vida nova, vida nova, vida pura. Penitência, penitência, reparação. Ó almas puras, ó corações amantes, aplacai depressa, aplacai sem cessar a justiça do Senhor. Fica na cruz, minha filha. Sorri à dor. Vive alegre na dor. Coragem, coragem! Jesus é contigo. Coragem, coragem! Eu não demoro a vir buscar-te para o Céu!¹³⁹

3. Alexandrina e a consagração do mundo ao Coração de Maria

As palavras de Jesus no chamado insistente à penitência e reparação introduzem-nos num campo de especial relevância na vida da beata: o papel que desempenhou na consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria. Para mostrá-lo, procuramos enfatizar a relação entre as histórias de Balasar e Fátima, que são como duas terras irmãs¹⁴⁰ e se cruzam tanto

¹³⁸ H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 221.

¹³⁹ A. COSTA, S (24.X.1952).

¹⁴⁰ Assim o padre Humberto Pasquale chamou as duas terras ao fazer um paralelo entre as duas mensagens em sua obra *Fatima e Balasar: celeste gemellaggio*, publicada

pela contemporaneidade dos quatro protagonistas como pelas semelhanças entre as mensagens das duas revelações particulares. Aqui queremos apontar algumas coincidências e distinções entre os dois mistérios e a complementaridade que têm entre si.

3.1. Paralelos entre Fátima e Balasar

A devoção à Virgem de Fátima propagou-se em todo o Portugal já na primeira metade do século XX, inclusive no coração de Alexandrina. A imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima chegou em 5 de setembro de 1951 a Fontainhas, terra pertencente a Balasar e ponto de encontro dos municípios de Póvoa de Varzim, Vila do Conde e Barcelos.

3.1.1. *A Eucaristia*

Em Fátima, antes do 13 de maio de 1917 – início das seis aparições de Nossa Senhora aos três pastorinhos –, o anjo apareceu três vezes às crianças, preparando-as para acolher o mistério que a Virgem lhes revelaria. No centro das aparições do anjo, que se autodenomina Anjo da Paz, está um apelo à Eucaristia. Assim os ensina a rezar:

Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam... Santíssima Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo, (adoro-Vos profundamente e) ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os Sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.¹⁴¹

Paralelamente, ao norte das terras portuguesas, em 1928, Alexandrina fazia a consagração aos sacrários, com o desejo de reparar as ofensas contra o Santíssimo Sacramento, as profanações a Jesus abandonado e esquecido na Eucaristia¹⁴². Constantemente seu desejo era de reparar, consolar Jesus e fazer-Lhe companhia por muitos que não o fazem, como vemos nesta oração:

em 1975.

¹⁴¹ LÚCIA DE JESUS, *Memórias da Irmã Lúcia I*, compilação do Pe. Luís Kondor, introdução e notas do Pe. Dr. Joaquín M. Alonso, Fátima: Fundação Francisco e Jacinta Marto 2015¹⁷, 77-79.

¹⁴² Cf. H. PASQUALE, *Fátima e Balasar*, 5.

Ó meu querido Jesus, eu me uno em espírito neste momento e desde este momento para sempre a todas as santas Hóstias da Terra em cada lugar onde habitais sacramentado. Aí quero passar todos os momentos da minha vida constantemente, de dia e de noite, alegre ou triste, só ou acompanhada, sempre a consolar-Vos, a adorar-Vos, a amar-Vos, a louvar-Vos e a glorificar-Vos! Ó meu Jesus, eu queria tantos atos de amor meus constantemente a cair sobre Vós de dia e de noite como chuva miudinha cai do céu para a terra num dia de inverno; não queria só meus, mas de todos os corações de todas as criaturas do mundo inteiro!... Oh! como eu Vos queria amar e ver amado por todos!... Vede, Jesus, os meus desejos e aceitai-mos já como se eu Vos amasse.¹⁴³

Ademais, muitas vezes o Senhor pede-lhe reparação pela profanação do domingo e a constante indiferença dos homens, e que diga ao padre Pinho que pregue sobre a Eucaristia e os pecados que tanto O ofendem.

3.1.2. A consagração ao Coração de Maria

Mas vamos às aparições da Santíssima Virgem em Fátima. Em 1917, na aparição de julho, ocorre a tremenda visão do inferno, na qual Nossa Senhora prevê a Segunda Guerra Mundial se os pecadores não se converterem. Para impedir a guerra, viria pedir a consagração da Rússia ao seu Imaculado Coração e ensina-lhes a rezar depois de cada mistério do Rosário: «Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno; levai as alminhas todas para o Céu, principalmente aquelas que mais precisarem»¹⁴⁴. Não obstante essa devoção ficou oculta por vários anos, já que compreendia a segunda parte do segredo de Fátima, e só foi revelada em 13 de junho de 1929, quando Nossa Senhora apareceu a Lúcia em Tuy, então religiosa Doroteia.

Na última aparição em Fátima, na qual se revelou como Senhora do Rosário e realizou o milagre do sol, testemunhado por mais de cinquenta mil pessoas, a Virgem, com um olhar triste, implorou aos videntes: «Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor, que já está muito ofendido»¹⁴⁵. Quantas vezes este pedido ressoará no coração de Alexandrina, que clama aos pecadores que não ofendam mais Jesus, disposta a oferecer seu próprio sangue para que as almas se salvem e os Corações de Jesus e Maria recebam consolo.

¹⁴³ A. COSTA, *Autobiografia*, 45.

¹⁴⁴ LÚCIA DE JESUS, *Memórias*, 177.

¹⁴⁵ *Ibid.*, 97.

É grandiosa, portanto, a dimensão desse pedido de Nossa Senhora às crianças e de Jesus à sua vítima, que destaca a responsabilidade desses mensageiros e a tremenda realidade do pecado. No entanto a voz de Jesus e Maria continuam a ressoar no mundo, embora pouco seja ouvida. No 38º aniversário da aparição do 13 de outubro, no momento de sua morte, Alexandrina expressa uma grande unidade com o insistente pedido da Virgem: «Não pequem!... Rezem o Terço todos os dias!»¹⁴⁶

3.1.3. *Os pastorinhos e Alexandrina*

A figura dos três pastorinhos, cada um com uma personalidade distinta que resplandece num modo complementar de receber e viver a mensagem, tem uma grande semelhança com Alexandrina. Francisco era o consolador de Jesus: amava estar com o Senhor para consolá-Lo e para fazer-Lhe companhia. Por sua vez, em Jacinta acentua-se o amor à penitência, um desejo profundo de desagravo e reparação, que «parecia insaciável na prática do sacrifício»¹⁴⁷. Finalmente, a Lúcia é confiado o papel de anunciar: é a grande apóstola e profetisa de Fátima; enquanto seus primos foram logo para o Céu, ela teve de ficar aqui um pouco mais¹⁴⁸ «para recordar ao mundo a necessidade que há de evitar o pecado e reparar a Deus ofendido, pela oração e pela penitência»¹⁴⁹.

Talvez seja um pouco audaz afirmá-lo, mas as características dos pastorinhos no que diz respeito à sua missão e seus amores particulares parecem compendiar-se na figura de Alexandrina: o Senhor convida-a inúmeras vezes a fazer-Lhe companhia nos sacrários, a consolá-Lo e amá-Lo para os que não O amam, tal como o pequeno contemplativo Francisco; pede-lhe que o faça em nome dos pecadores, que expie com sua própria vida os pecados do mundo, nomeando-a tantas vezes *vítima dos pecadores do mundo, vítima para a salvação das almas*, e ela, como a pequena vítima Jacinta Marto, era sempre incansável em oferecer sacrifícios em favor do mundo.

Em seu oferecimento pela salvação dos pecadores, constantemente lhes suplicava que deixassem de pecar, que amassem a Deus e temessem

¹⁴⁶ H. PASQUALE, *Fátima e Balasar*, 18.

¹⁴⁷ LÚCIA DE JESUS, *Memórias*, 47.

¹⁴⁸ Cf. *Ibid.*, 175.

¹⁴⁹ *Ibid.*, 129.

o inferno¹⁵⁰. A própria Jacinta dizia: «O inferno! o inferno! que pena eu tenho das almas que vão para o inferno! E as pessoas lá vivas a arder como a lenha no fogo!»¹⁵¹. Exemplo de alma expiatória, pede perdão a Deus pelos pecados de todos os homens e suplica-Lhe que os leve para o Céu. A expiação é assim precisamente uma oração de perdão unida ao sacrifício; é colocar-se no lugar do outro e alcançar-lhe benefícios através das próprias obras. Quando Lúcia tentava obrigá-la a comer, a pequena recusava-se a fazê-lo a fim de oferecer pelos pecadores que comem demais¹⁵². Com efeito, várias vezes o Senhor queixa-se a Alexandrina de muitas ofensas, entre elas os pecados da carne, da impureza e da gula¹⁵³. Com um tremendo horror ao pecado, essa serva fiel preferia o inferno a ofender na mínima coisa os Corações de Jesus e Maria¹⁵⁴, e por isso se tornou um modelo de pureza e de amor ao sofrimento e à cruz¹⁵⁵.

Alexandrina é também missionária e apóstola sem sair do seu quartinho. Sua missão é fazer Jesus amado em toda parte, unida ao mistério de ser vítima consoladora, incluindo uma tarefa muito particular que recorda aquela recebida pela pastorinha mais velha. Em 1929, Nossa Senhora pediu a Lúcia a consagração da *Rússia* a seu Imaculado Coração, para que seus males não se dispersassem no mundo¹⁵⁶, e a devoção dos cinco primeiros sábados. Por outro lado, em Balasar, pela primeira vez em 30 de julho de 1935, Jesus pede a consagração do *mundo* ao Imaculado Coração de sua Mãe, significando uma confirmação da promessa anterior de Nossa Senhora em 13 de julho de 1917: «Por fim, o meu Imaculado

¹⁵⁰ Cf. H. PASQUALE, *Fátima e Balasar*, 24-25. Vale recordar o quanto hoje em dia a realidade do inferno é esquecida ou desacreditada e que, no entanto, é tão patente nas palavras de Jesus colocadas na boca de seus santos. Essas duas almas vítimas mostram que, se as pessoas vissem o inferno como lhes foi concedido vê-lo, muitas poderiam converter-se e salvar-se.

¹⁵¹ LÚCIA DE JESUS, *Memórias*, 123.

¹⁵² Cf. *Ibid.*, 124; H. PASQUALE, *Fátima e Balasar*, 19.

¹⁵³ Cf. A. COSTA, *Cartas ao Pe. Mariano Pinho, S.J.* (27.XII.1934; 15.III.1935).

¹⁵⁴ Cf. H. PASQUALE, *Fátima e Balasar*, 39.

¹⁵⁵ Cf. *Ibid.*, 24.

¹⁵⁶ O padre Humberto Pasquale, em visita à Irmã Lúcia no Carmelo de Coimbra em 1978, perguntou-lhe se alguma vez Nossa Senhora lhe havia pedido a consagração do mundo, ao que ela respondeu que somente pediu a consagração da Rússia. Isso confirma uma vez mais o papel proeminente da beata Alexandrina na consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria.

Coração triunfará»¹⁵⁷. O Senhor manifesta claramente que Maria é refúgio seguro e caminho de salvação para toda a humanidade, a qual, se não se converter, sofrerá o peso da justiça divina. Deus, rico em misericórdia, não deixa de apresentar ao mundo o remédio para os males, mas o homem é livre para acolher ou não seus desígnios de amor.

Durante os anos da II Guerra Mundial e ante a insistência pela consagração e reparação, Alexandrina ofereceu-se como vítima pela paz e vítima da consagração do mundo à Mãezinha. Nossa Senhora mesma coroou-a como rainha no primeiro sábado de dezembro de 1944, e em maio de 1955 o Coração de Maria disse-lhe que logo viria buscá-la.

Muitas vezes o Senhor, referindo-se ao sábado dedicado à sua Mãe, pede a Alexandrina que se associe às dores de Maria, tão ofendida porque se une intimamente ao sofrimento de seu Filho¹⁵⁸. Em 8 de outubro de 1945, é Nossa Senhora quem o pede à sua filha:

“Fala às almas, fala-lhes da Eucaristia, fala-lhes do Rosário. Que se alimentem da carne do Corpo de Cristo e do alimento da oração: do meu Rosário quotidiano”. Depois, chorando, a Virgem diz a Jesus: “Tentemos, meu Filho, tentemos com a Eucaristia, com o Rosário, com a imolação da nossa vítima”.¹⁵⁹

3.1.4. Eixos das duas mensagens

Nosso Senhor vai educando os pastorinhos na escola da mortificação, delimitando até mesmo a medida dos sacrifícios; por exemplo, instruiu-os a não dormir com a corda atada à cintura, mas a usá-la apenas durante o dia¹⁶⁰. Algo semelhante acontece na vida da vítima de Balasar, quando, em sua criatividade de querer oferecer tudo para demonstrar seu amor a Jesus, recebe certos limites indicados pelo padre Pinho¹⁶¹.

Mas qual é o centro da mensagem de Fátima? Este fica bastante evidente na pergunta que Nossa Senhora dirige aos pastorinhos já em sua primeira aparição: «Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados

¹⁵⁷ LÚCIA DE JESUS, *Memórias*, 177.

¹⁵⁸ Cf. por exemplo, A. COSTA, *Cartas ao Pe. Mariano Pinho, S.J.* (8.XI.1934).

¹⁵⁹ H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 219.

¹⁶⁰ LÚCIA DE JESUS, *Memórias*, 94.

¹⁶¹ Cf. A. COSTA, *Autobiografia*, 53-54.

com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?»¹⁶², à qual os pequeninos respondem sim sem qualquer hesitação. Ao mesmo tempo, os pastorinhos desejavam que todos os homens atendessem à voz daquela Senhora tão bela. Assim, o núcleo da mensagem de Fátima pode resumir-se em três palavras: amor a Deus, conversão e reparação, como se percebe na oração ensinada pela Virgem aos pastorinhos em 13 de julho: «Ó Jesus, é por vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria»¹⁶³. E esse é precisamente o sentido do sacrifício oferecido tanto pelos pastorinhos como por Alexandrina: Deus, os pecadores e a reparação, que alcança tanto a salvação das almas como a consolação do Coração do Senhor.

Em paralelo, Balasar resume-se num apelo à Eucaristia e à reparação. De tantos colóquios com o Senhor, a missão de Alexandrina poderia sintetizar-se em duas palavras: os sacrários e as almas. Também é chamada várias vezes à oração e a penitência. Como em Fátima Nossa Senhora pediu incessantemente aos pastorinhos oração e penitência, Jesus afirma à vítima de Balasar que esse é o caminho para a salvação das almas: «São precisas lágrimas de dor, lágrimas de sangue para lavarem o mundo, os corações e as almas»¹⁶⁴.

3.2. Desenvolvimento

A Virgem começa a manifestar o desejo de Deus de estabelecer no mundo a devoção ao seu Imaculado Coração na segunda aparição. Depois de Lúcia pedir-lhe que os levasse para o Céu, Nossa Senhora diz que em breve levaria Francisco e Jacinta, mas ela ficaria um pouco mais na terra, para torná-la conhecida e amada. Missão árdua e fecunda da pastorinha mais velha, motivada pelas palavras de Nossa Senhora a repetir seu sim cada dia. A vida de Lúcia foi de fato um caminho sob o olhar daquela bela Senhora, uma entrega diariamente renovada do *ó Jesus, é por vosso amor...*, e sempre ouvia intimamente a promessa da Virgem que a inspirava e fortalecia: «Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus»¹⁶⁵.

¹⁶² LÚCIA DE JESUS, *Memórias*, 82.

¹⁶³ *Ibid.*, 87.

¹⁶⁴ Cf. M. PINHO, *No Calvário de Balasar*, 185.

¹⁶⁵ LÚCIA DE JESUS, *Memórias*, 175.

Em 1936, os males da Rússia já se haviam espalhado pela Espanha, e Jesus disse várias vezes a Alexandrina quanto seu Coração era ofendido naquela nação, e suplicava-lhe expiação pelo fim da guerra comunista, junto ao pedido da consagração do mundo à sua Mãe Santíssima¹⁶⁶. Nesse mesmo ano, Alexandrina recebeu as indicações para essa consagração: o Papa, em Roma, consagraria o mundo inteiro ao Coração de Maria, depois todos os sacerdotes renovariam o ato em todas as igrejas do mundo, honrando-a com o título de Rainha do Céu e da terra e Senhora da Vitória¹⁶⁷.

O Senhor insistiu muitas vezes nesse pedido¹⁶⁸, e a seriedade de seu desejo evidenciou-se de modo surpreendente anos mais tarde. Em 3 de outubro de 1938, começaram os êxtases físicos da Paixão, que se repetiram até 27 de março de 1942. O motivo claramente exposto dessa experiência profunda e de grande sofrimento, cheia de mistério e de benefícios para a humanidade de todos os tempos, era a consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria.

O padre Pinho demonstrou grande zelo para que os desejos de Deus fossem atendidos. Em 11 de setembro de 1936, enviou uma carta ao então secretário de Pio XI, o cardeal Eugenio Pacelli. Este, tendo sido eleito para suceder-lhe em 2 de março de 1939, seria o Pontífice que realizaria a primeira consagração. Em 6 de junho de 1938, ao final dos exercícios espirituais do bispado português em Fátima, tendo o padre Pinho como pregador, os bispos decidiram escrever ao Papa. O próprio padre Pinho escreveu diretamente a Pio XI em 24 de outubro, e a Pio XII em julho de 1941. Com a resolução deste último de finalmente atender ao pedido do Céu, terminava na beata a etapa dos êxtases visíveis da Paixão.

3.3. Cumprimento

E se nos perguntarmos: por que insistir tanto na mensagem de Fátima? O que Alexandrina tem a ver com esse mistério que acontece ali, tão perto de sua terra? Cristo com sua Igreja não deixa de chamar os pecadores à conversão e penitência, como expressão do desejo do próprio Deus, que nunca cessa de atrair o homem a Si. Tantas vezes o pediu Nossa Senhora em Fátima e a tantas vítimas o Senhor manifestou a necessidade de re-

¹⁶⁶ A. COSTA, *Cartas ao Pe. Mariano Pinho, S.J.* (10.IX.1936).

¹⁶⁷ Cf. *Ibid.* (10.X.1936), em H. PASQUALE, *Fátima e Balasar*, 41; M. PINHO, *No Calvário de Balasar*, 79-80.

¹⁶⁸ Cf. M. PINHO, *No Calvário de Balasar*, 79; 88-90; 118; 121ss; 218ss.

paração e sacrifícios para a salvação das almas. A Alexandrina disse no êxtase de 13 de junho do ano em que começou a II Guerra Mundial: «A trombeta que te chama é a voz da minha Igreja e dos meus discípulos a convidar-te à oração, à penitência...»¹⁶⁹

Segundo o padre Umberto Pasquale, a mensagem de Alexandrina acerca da consagração do mundo tem quatro aspectos: o primeiro é a insistência de Jesus, que motiva o interesse de Alexandrina na propagação de seu divino desejo; o segundo, a necessidade de penitência e reparação para aplacar a justiça divina, cujo peso é sustentado por sua vítima; o terceiro é a própria guerra, antecipada e confirmada nos sofrimentos de Alexandrina; o quarto, semelhante ao que Nossa Senhora havia mencionado aos pastorinhos, é a eficácia da consagração para alcançar o fim da guerra. Como se ecoasse a voz de Abraão intercedendo por Sodoma e Gomorra, Alexandrina pergunta ao Senhor: «E se o mundo for consagrado à Mãe do Céu, Vós, ó Jesus, não o castigareis?»... e ouve a resposta: «Somente por Ela poderá ser salvo, e se o mundo fizer penitência e se converter»¹⁷⁰.

O divino Mestre, que lhe havia dado a certeza de que não morreria antes que se cumprissem seus desejos, diz-lhe exultando no êxtase de 22 de maio de 1942:

Glória, glória, glória a Jesus! Honra e glória a Maria! O coração do Papa, o coração de ouro está resolvido a consagrar o mundo ao Coração de Maria. Que dita, que alegria para o mundo ser consagrado, pertencer mais que nunca à Mãe de Jesus! Todo o mundo pertence ao Coração divino de Jesus; todo [o mundo] vai pertencer ao Coração Imaculado de Maria.¹⁷¹

Desse modo, Jesus serve-se de sua serva para dar seu amor a todos os homens: «Por ti quero que este amor seja incendiado em toda a humanidade...». Observemos a clareza da expressão ao dizer *por ti*, onde se indica a vida de Alexandrina como um canal por onde chega o amor de Deus ao mundo, de forma semelhante à missão outorgada séculos antes a santa Margarida Maria Alacoque de difundir a devoção ao Coração de Jesus. Logo, o *por ti* repete-se, apontando seu papel de destaque na consagração do mundo ao Coração de Maria: «...assim como por ti foi consagrado o mundo à minha Bendita Mãe».¹⁷²

¹⁶⁹ *Ibid.*, 165.

¹⁷⁰ H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 127.

¹⁷¹ M. PINHO, *Uma vítima da Eucaristia*, 111.

¹⁷² H. PASQUALE, *Fátima e Balasar*, 14.

O padre Durão, responsável da Santa Sé de investigar o pedido da consagração em 1937, dizia à vítima que as coisas em Roma andavam devagar porque iam «no ritmo da eternidade», por isso não havia pressa. Lúcia também escreveu em 1940 ao padre José Bernardo Gonçalves que a guerra terminaria quando se derramasse sangue dos mártires suficiente para aplacar a justiça divina e quando, finalmente, se fizesse a consagração da Rússia. Porém os desígnios de Deus permitiram que se retardasse, e a misericórdia de Deus, que é eterna, atemporal, age no nosso hoje.

Os desejos de Deus foram atendidos, mas sua mensagem permanece atual diante das sequelas do pecado. Enquanto a Igreja analisa e procura agir com prudência sob a ação do Espírito Santo, Deus purifica o mundo de seus pecados. O pecado sempre tem consequências negativas, e isso não nos pode levar a interpretar Deus como um tirano vingativo, mas como um Pai que corrige e chama sempre ao seu seio. Contudo os efeitos do pecado estão aí e exigem reparação e conversão. Enquanto o Senhor espera, o mundo e as almas vão ardendo não por culpa de Deus, senão por sua própria demora em responder aos divinos e amorosos apelos, pois o Coração de Deus sempre tem sobre a humanidade desígnios de amor e misericórdia.

Como em Fátima, à vítima de Balasar foi revelada a libertação de Portugal da guerra, mas isso não significa que fosse imune a suas consequências. Em 1945, Jesus diz-lhe energicamente: «Ai de Portugal, minha filha, se não corresponde! Ai do mundo, se não se emendar. Penitência, penitência! Depressa, já penitência!»¹⁷³. Mas as pessoas não se emendam, não buscam o Senhor, viram-Lhe as costas, e Nosso Senhor continua sendo ofendido, Nossa Senhora é ofendida, as almas ferem-se a si mesmas e, consequentemente, perdem-se. A perdição das almas dói ao Coração de Deus e clama ao amor dos mártires e das almas vítimas.

A consagração a Nossa Senhora implica uma vida com Maria, em Maria e por Maria; uma vida de perfeita identificação com a Mãe de Deus e nossa. E a consequência da imitação de Maria é a identificação com o próprio Cristo, que é a vida da Santíssima Virgem. O sentido da consagração é uma vida totalmente entregue a suas mãos para alcançar com Ela a salvação das almas e dar a Deus toda glória. Por isso é o Coração de Maria o que há de triunfar, porque n'Ele se cumprem todos os desígnios de Deus, que serão plenamente realizados quando a humanidade

¹⁷³ A. COSTA, S (16.XI.1945).

atender ao ardente desejo dos Corações de Jesus e de Maria e vivê-lo de modo integral. A consagração definitiva do mundo ao Coração de Maria coincidirá assim com o cume da história.

Gabriella Gomes Silva

Referências

- COSTA, Alexandrina Maria da, *Obras completas de Alexandrina Maria da Costa, I: Autobiografia*, Alexandre Freire Duarte (ed.), Balasar: Fundação Alexandrina de Balasar e Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa de Braga 2019³.
- , *Obras completas de Alexandrina Maria da Costa, III: Diário autógrafa*, Alexandre Freire Duarte (ed.), Balasar: Fundação Alexandrina de Balasar e Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa de Braga 2019.
- , *A Paixão de Jesus em Alexandrina Maria da Costa: Uma mística do nosso tempo*. Escritos da Alexandrina ordenados por Humberto M. Pasquale. Porto: Edições Salesianas 1979.
- , *Cartas ao Pe. Mariano Pinho, S.J. (1933-1955)*.
- , *Figlia del dolore, madre di amore. Quasi una autobiografia*, Eugenia y Chiaffredo Signorile (eds.), Pessano (MI): Mimep-Docete 1993.
- , *Sentimentos da Alma (1942-1955)* (= S).
- , *Solo per amore! Quasi un'autobiografia*, Eugenia y Chiaffredo Signorile (eds.), Pessano (MI): Mimep-Docete 2006.
- CARMELO DE COIMBRA, *Um caminho sob o olhar de Maria. Biografia da Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado, O.C.D.*, Aversadas: Edições Carmelo 2017².
- FERREIRA, José, *A Balasar da Alexandrina*, Balasar: Edição do Autor 2018.
- , *Até aos Confins do Mundo*, Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim 2007.
- , *Balasar Antiga*, Balasar: Edição do Autor 2014².

- , *Vinde Todos à descoberta da Alexandrina*, Balasar: Fábrica da Igreja de Balasar 2005².
- FERREIRA, Pedrosa, *Alexandrina: Nos caminhos do crucificado*, Porto: Edições Salesianas 2017.
- LÚCIA DE JESUS, *Memórias da Irmã Lúcia I*, compilação do Pe. Luís Kondor, introdução e notas do Pe. Dr. Joaquín M. Alonso, Fátima: Fundação Francisco e Jacinta Marto 2015¹⁷.
- PASQUALE, Humberto, *Beata Alexandrina*, Porto: Edições Salesianas 1998⁹.
- , *Fátima e Balasar: duas terras irmãs*, Porto: Cavaleiro da Imaculada 1989³.
- PINHO, Mariano, *No Calvário de Balasar: Alexandrina Maria da Costa*, Braga: Apostolado da Oração 2005².
- , *Uma vítima da Eucaristia. Alexandrina Maria da Costa: a doentinha de Balasar*, Balasar: Pároco de Balasar 1975⁵.
- ROCHA, Afonso, *Flor Eucarística: Alexandrina Maria da Costa*, Reims: 2016.
- SIGNORILE, Eugénia e Chiaffredo, *Vida Interior da Beata Alexandrina: «Meu Senhor e Meu Deus»*, Braga: Apostolado da Oração 2009³.
- SINDE, Pedro, *Fulgores de Fátima: Pensando a mensagem*, Lisboa: MIL 2017.
- , *Fulgores do Sacrário: O pequeno caminho da Presença de Deus e lições da Beata Alexandrina*, Fátima: Cidade do Imaculado Coração de Maria 2021.

Índice

Introdução	56
I. Introdução à vida e o contexto histórico da beata Alexandrina.....	57
1. Defeitos, gostos e virtudes de Alexandrina.....	66
1.1. Defeitos.....	67
1.2. Gostos	67
1.3. Virtudes.....	68
1.3.1. Alma eucarístico-mariana	69
1.3.2. Amor à cruz	69
1.3.3. União com Deus	70
1.3.4. Bem-aventurada pureza que dá a visão de Deus	71
1.3.5. Maternidade espiritual	72
1.3.6. Como um anjo	72
2. Os nomes que Jesus outorga a Alexandrina.....	73
3. Alexandrina e a consagração do mundo ao Coração de Maria	81
3.1. Paralelos entre Fátima e Balasar.....	82
3.1.1. A Eucaristia.....	82
3.1.2. A consagração ao Coração de Maria.....	83
3.1.3. Os pastorinhos e Alexandrina	84
3.1.4. Eixos das duas mensagens.....	86
3.2. Desenvolvimento	87
3.3. Cumprimento	88
Referências.....	91

